



# Rede dos conectores correlativos aditivos do português – uma abordagem diacrônica

*Portuguese additive correlative connectors network - a diachronic approach*

Ivo da Costa do Rosário\*  
*Universidade Federal Fluminense,*  
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Brenda da Silva Souza \*\*  
*Universidade Federal Fluminense,*  
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015; ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016), este trabalho tem como objetivo geral traçar as tendências de uso da construção correlata aditiva em língua portuguesa, do século XVI ao XXI. Objetiva-se também propor uma interpretação para a variação construcional atestada ao longo do tempo e, de uma forma mais ampla, contribuir para o desenvolvimento das pesquisas funcionalistas centradas no uso. Trata-se de uma pesquisa diacrônica de cunho qualiquantitativo que toma como base os trabalhos de Rosário (2012), Gervásio (2016) e Souza (2020), que constituem uma agenda comum de pesquisa em torno da correlação aditiva. A investigação baseia-se em diferentes corpora, especialmente formados de linguagem argumentativa. Os resultados evidenciam que a correlação aditiva, ao longo dos séculos, apresenta grande profusão de microconstruções em um real quadro de variação, ou seja, são aloconstruções (cf. CAPELLE, 2006; PEREK, 2015). Essas unidades simbólicas foram se formando ao longo do tempo por meio de mudanças pós-construcionais no campo da forma.

**Palavras-chave:** Adição. Linguística Funcional Centrada no Uso. Aloconstruções.

**Abstract:** Based on the theoretical and methodological assumptions of Used-Based Functional Linguistics (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015; ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016), this paper has the general goal to trace trends in the use of additive correlative construction in Portuguese, from 16th to 21st century. It also aims to propose an interpretation for the constructional variation attested over time and, more broadly, to contribute to the development of functionalist research based on use. It is a qualitative and quantitative diachronic research based on Rosário (2012), Gervásio (2016) and Souza (2020) works, which constitute a common research agenda around the additive correlation. The investigation is based on different corpora, specially formed of argumentative language. The results show that the additive correlation, over the centuries, presents a great profusion of microconstructions in a real framework of variation, that is, they are allostructions (cf. CAPELLE, 2006; PEREK, 2015). These symbolic units were formed over time through post-constructionalization constructional changes in the formal properties.

**Keywords:** Correlation. Addition. Functional Usage-Based Linguistics

\* Doutor em Estudos de Linguagem. *Universidade Federal Fluminense.* Niterói, RJ – Brasil. E-mail: [rosario.ivo3@gmail.com](mailto:rosario.ivo3@gmail.com).

\*\* Mestra em Estudos de Linguagem. *Universidade Federal Fluminense.* Niterói, RJ – Brasil. E-mail: [brendasouza045@gmail.com](mailto:brendasouza045@gmail.com).

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, apresentamos um estudo da rede dos conectores correlativos aditivos da língua portuguesa em perspectiva diacrônica, a partir de dados analisados no recorte de seis fatias temporais (do século XVI ao século XXI). Aqui estão adjungidos resultados de pesquisa de trabalhos desenvolvidos por Rosário (2012), Gervasio (2016) e Souza (2020), que estudaram a construção correlata aditiva em diferentes períodos da história da língua portuguesa. Este trabalho soma-se a outros já realizados, no âmbito de um grande projeto de pesquisa que prevê o rastreamento da correlação aditiva em todas as fases históricas da língua portuguesa.

De modo ainda mais amplo, este estudo se insere na agenda do grupo de pesquisa *Conectivos e Conexão de Orações* (CCO-UFF). Logo, a escolha do objeto desta investigação está diretamente relacionada aos interesses do grupo, que tem como foco o estudo do papel, do uso e da trajetória dos conectivos e dos diferentes processos de conexão de orações. Nesse universo, destaca-se o mecanismo sintático da correlação, historicamente relegado a um segundo plano, sem a devida atenção dos sintaticistas ao longo das últimas décadas (ROSÁRIO, 2018, 2020).

Neste estudo, utilizamos o suporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), que é uma corrente de estudos linguísticos interessada na emergência e na regularidade das construções, bem como nas suas motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas, tanto em viés sincrônico como diacrônico (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Os pressupostos teórico-metodológicos da LFCU advêm de estudos funcionalistas clássicos, cognitivistas e construcionistas (nas linhas de Goldberg, Croft, Traugott e Trousdale e outros). Segundo essa corrente teórica, a língua é uma rede de pares convencionalizados de forma e significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1). A gramática, por sua vez, é concebida como uma estrutura maleável, que continuamente se refaz para se adaptar às necessidades discursivas dos falantes (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 42).

A definição de *correlação* adotada nesta pesquisa é proposta por Rosário (2018, p. 211): “construção sintática prototipicamente composta por duas partes interdependentes e relacionadas entre si, encabeçadas por correlatores<sup>1</sup>, de tal sorte que a enunciação de uma (prótase) prepara a enunciação de outra (apódose)”. Os dados (1), (2) e (3), a seguir, extraídos dos *corpora* utilizados neste trabalho, apresentam exemplos da construção correlata aditiva:

- (1) [...] Logo héévidente. I. Que o arros, cultivado em agoas correntes, **naõ só** não pode causar epidemias, **mas** pode ser preservativo dellas, pelo que se vio nos §. 12, 13, 15, 16, e 18. II. Que a sua cultura em agoa estagnada não pode ser nociva, se não

<sup>1</sup> Conforme Rosário (2013, p. 30), correlatores são os “elementos responsáveis pela introdução da prótase e da apódose correlativas. Equivalem ao que a tradição chama de conjunções subordinativas ou coordenativas” utilizadas no âmbito da correlação.

quando houver podridão, o que se pode evitar, como veremos no §. 27; [...] (Século XVIII, *Biblioteca Brasileira*) (SOUZA, 2020, p. 14).

(2) Logo, a moça se inteirou de tudo da casa, arrumando tempo até para levar o almoço do patrão e ajudá-lo no bar, enquanto este almoçava. **Não só** os quitutes da jovem cozinheira trouxeram mais clientes ao bar, **mas também** sua presença que a todos encantava. (Século XX, *Corpus do Português*) (GERVASIO, 2016, p. 15).

(3) Nós, do PDT, estamos possuídos de uma alegria muito maior, porque V.Exa. **não só** representa nossa bancada na Mesa Diretora **como também**, e seguramente, representa o pensamento melhor do Poder Legislativo. Parabéns! – 05/02/2009 (Século XXI, *Site da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro*) (ROSÁRIO, 2012, p. 9).

Nos três exemplos apresentados, é notável a relação de interdependência entre os elementos presentes nos dois segmentos da construção. Observamos que prótase e apódose não estão estruturadas como em uma construção coordenada prototípica, que apenas adiciona duas informações sem hierarquizá-las, mas se apresentam em desnível, o que se explica pelo relevo informacional inerente à correlação aditiva. Como ficará mais claro adiante, a construção correlata aditiva seleciona as informações da prótase e da apódose com base no que é mais relevante de ser destacado no ambiente contextual em uso.

A comparação entre as sincronias analisadas (séculos XVI a XXI) permite demonstrar um quadro de mudanças construcionais, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), baseado em aloconstruções<sup>2</sup> (cf. CAPPELLE, 2006; PEREK, 2015). Essa perspectiva de análise, em franca ascensão nos estudos construcionistas, como se desenvolverá adiante, é capaz de dar conta do fenômeno da convivência de diferentes formas com funções semelhantes.

A partir da defesa dessa hipótese, destacamos que este trabalho tem como objetivo central observar as tendências de uso da correlação aditiva nos séculos rastreados. Além disso, também constituem objetivos desta pesquisapropor uma interpretação para a variação construcional atestada ao longo do tempo e, de uma forma mais ampla, contribuir para o desenvolvimento das pesquisas funcionalistas centradas no uso, com foco na correlação aditiva.

Buscando atender aos objetivos propostos, este artigo se organiza da seguinte forma: após estas *Considerações Iniciais*, apresentamos a *Fundamentação Teórica*. Essa segunda seção está subdividida em duas partes. Primeiramente exploramos os pressupostos teóricos básicos da LFCU e, em um segundo momento, passamos a uma reflexão acerca das aloconstruções e da variação construcional. Em seguida, apresentamos os *Procedimentos Metodológicos e Análise de Dados*. Por fim, traçamos algumas *Considerações Finais* e listamos as *Referências Bibliográficas*.

---

<sup>2</sup>Perek (2015, p. 153) define as *aloconstruções* como as “realizações estruturais variantes de uma construção que é parcialmente subespecificada”. Posteriormente, essa noção será mais bem desenvolvida no trabalho.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, discorreremos sobre os principais pressupostos teóricos que norteiam este estudo. Inicialmente descrevemos a LFCU de maneira geral, com foco em alguns conceitos mais caros a esta pesquisa, como o de construção. Em seguida, na subseção 2.2, tratamos da variação construcional e do conceito de aloconstruções.

### 2.1 A LFCU

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma recente vertente de estudos funcionalistas que reúne postulados da Linguística Funcional Clássica norte-americana<sup>3</sup> e da Linguística Cognitiva, especialmente via Gramática de Construções (GC). Assim, a partir dos pressupostos compartilhados por essas correntes, tais como “rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação [...]” (FURTADO DA CUNHA; BISPO E SILVA, 2013, p. 14), a LFCU propõe análises que consideram aspectos como frequência de uso, inferências pragmáticas, moldagem das estruturas linguísticas nos diferentes contextos etc., sempre partindo de dados reais de uso.

O interesse principal da LFCU é descrever o uso linguístico, por meio de construções, tanto em viés sincrônico como diacrônico. Na LFCU, de fato, o uso das línguas naturais em instâncias reais de interação assume a maior importância, sendo relacionado a propriedades icônicas. Ademais, as estratégias interacionais do discurso são tratadas como forças motivadoras da gramática (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 236). Defende-se, nessa perspectiva, uma abordagem holística, considerando que as construções não produzem sentido de forma isolada e, por isso, é necessário considerar as relações contextuais, que incluem não somente os aspectos funcionais, tais como os fatores semânticos, pragmáticos e discursivos, mas também as propriedades formais, como as características morfossintáticas e fonológicas (cf. CROFT, 2001).

Neste estudo, portanto, adotamos a LFCU como linha teórica central devido a sua estreita relação com a pesquisa empírica, visto que essa vertente teórica tem se revelado “uma corrente eficaz na descrição de fenômenos cuja gênese e propagação são atestadas no uso das diversas comunidades linguísticas” (ROSÁRIO, 2018, p. 213). Forma e função recebem igual importância e são tratadas de forma pareada, o que confere um tratamento mais global dos fenômenos linguísticos em geral.

---

<sup>3</sup> A Linguística Funcional Clássica tem sido denominada como a vertente norte-americana de estudos funcionalistas das décadas de 70 e 80, que surge em reação à proposta gerativista. Nesse ínterim, o Funcionalismo se apresenta como um modelo de análise que defende a importância do uso linguístico. Nesses estudos da fase inicial, que remontam à concepção de gramaticalização, é marcante uma tendência de pesquisa com base em itens isolados, marcados por seus aspectos funcionais. Além disso, nesse corpo de investigações, ainda que se fizesse menção à importância dos aspectos contextuais, essa referência não era acompanhada por uma especificação, de fato, das propriedades do contexto em que determinado item era usado e de seu papel em relação aos aspectos do sentido e da forma (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Para ilustrar o que está dito, vejamos o dado (4) a seguir:

(4) Alguns curiosos tem feito uso destes conductores grandes, não somente para evitarem os raios em suas cazas, mas tambem para fazerem experimentos, e observações com o fluido Electrico da Atmosphaera, para este effeito em caza ou fora della fazem hum destes guarda-raios, ou grandes conductores [...] (Século XVIII, *Biblioteca Brasileira*).

À luz da LFCU, não podemos considerar apenas os itens que encabeçam o par correlato aditivo (“não somente” e “mas também”) de forma isolada. Observamos, por exemplo, as relações contextuais, o entorno linguístico mais amplo e mais imediato, a sequência tipológica, o efeito pragmático mais argumentativo que se obtém por meio dessa construção, entre outros fatores. Notamos que, em termos de forma, o par “não somente... mas tambem” correlaciona duas orações hipotáticas de finalidade: “para evitarem os raios em suas cazas” e “para fazerem experimentos, e observações com o fluido Electrico da Atmosphaera”. Vemos, portanto, que o referencial teórico-metodológico da LFCU traz a possibilidade de um exame amplo e minucioso das características formais e funcionais da correlação aditiva atestadas no uso real da língua.

Considerando que as construções têm grande importância teórica na LFCU, costumamos afirmar que adotamos uma *abordagem construcional da gramática*. Essa abordagem está relacionada principalmente aos estudos de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001, 2013), Trousdale (2008), Bybee (2010) e, mais recentemente, Traugott e Trousdale (2013). No entanto, é importante salientar que cada um desses pesquisadores possui abordagens que se diferenciam com relação à compreensão do que se conceitua como *Gramática de Construções*.

Na década de 1990, Goldberg desenvolve trabalhos em que ressalta as construções como unidades básicas da gramática (GOLDBERG, 1995, p. 4). A definição de construção apresentada por ela é a seguinte:

C é uma CONSTRUÇÃO se e somente se C é um pareamento forma/significado < F S >, de modo que algum aspecto de F ou do S, não é estritamente previsível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas<sup>4</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 4, tradução nossa).

Segundo a autora, a construção é um pareamento forma-significado que independe dos significados das partes. Em 2006, a pesquisadora amplia esse conceito, afirmando que todos os níveis de análise gramatical envolvem construções (GOLDBERG, 2006).

Com relação aos pontos essenciais nos estudos de Goldberg, é imprescindível citar o *princípio da não sinonímia da forma gramatical*. De acordo com esse princípio, “se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas” (GOLDBERG, 1995, p. 67). Para a autora, os aspectos pragmáticos das

<sup>4</sup> “C is a construction iff C is a form-meaning pair <F S> such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions” (GOLDBERG, 1995, p. 4).

construções estão relacionados às particularidades da estrutura informacional, como questões de topicalização e focalização, assim como os aspectos estilísticos.

Bybee (2010), de maneira muito semelhante a Goldberg (1995, 2006), também define as construções como pareamentos de forma e significado. Para Bybee (2010, p. 09), a gramática não pode ser compreendida como modular, na medida em que sintaxe e semântica não podem ser vistas como compartimentos separados. Outro postulado importante nos estudos de Bybee (2010, p. 14) diz respeito ao fato de que as instâncias de uso impactam a representação cognitiva da linguagem. Nesse sentido, ao propor uma abordagem baseada no uso, Bybee (2010) assume que isso está diretamente relacionado ao modo de representação dos elementos linguísticos. Ao estudar uma construção, é fundamental, portanto, levar em conta os aspectos relacionados ao uso.

Ainda nesse estudo, a autora salienta a importância da frequência, como delineado em obras anteriores, mas assevera que um objetivo central da teoria linguística é discutir aquilo que ela chama de “mecanismos de domínio geral”<sup>5</sup>. Dentre esses mecanismos, aquele que se destaca nesta pesquisa é o *chunking*. Para Bybee (2010, p. 34), “todos os tipos de expressões convencionalizadas, de expressões pré-fabricadas a expressões idiomáticas e construções, podem ser consideradas *chunks* para fins de processamento e análise”<sup>6</sup>.

Ainda em relação à obra de Bybee (2010), cabe destacar que, segundo a linguista, as construções podem ser parcialmente esquemáticas, isto é, podem ser compostas de algumas partes fixas e *deslots* preenchidos por uma categoria de itens semanticamente definidos (BYBEE, 2010, p. 36). Nota-se que a afirmação da autora corrobora nossas análises sobre os elementos que preenchem os *slots* na prótase e na apódose. Após o elemento de negação “não”, parte fixa na prótase, temos um *slot* aberto que pode ser preenchido por um elemento de restrição, como *só, somente, apenas* etc. Já na apódose, temos obrigatoriamente um elemento de contraposição, comparação ou adição, como *mas, porém, como, e*, que pode ser seguido ou não de algum elemento de acréscimo, como *até, também, ainda* etc.

No âmbito da Gramática de Construções, convém ressaltar também o modelo de Croft (2001). Ao propor uma Gramática de Construções Radical (GCR), o autor se interessa, principalmente, pelo estudo das categorias sintáticas e dos universais tipológicos. No entanto, para esta pesquisa, interessa, sobretudo, o modelo de estrutura simbólica, como representado no esquema a seguir:

<sup>5</sup> “Domain-general mechanisms” (BYBEE, 2010, p. 33).

<sup>6</sup> “All sorts of conventionalized multiword expressions, from prefabricated expressions to idioms to constructions, can be considered chunks for the purposes of processing and analysis [...]” (BYBEE, 2010, p. 34).

Esquema 1 – A estrutura simbólica da construção, segundo Croft (2001, p. 18)



No que tange à estrutura simbólica da construção, Croft (2001) destaca as propriedades de forma e de sentido. O autor salienta que as propriedades formais não englobam apenas as características sintáticas, mas também as morfológicas e fonológicas. No polo do sentido, por sua vez, abarcam-se todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, incluindo não apenas as propriedades da situação descrita pelo enunciado, mas também as propriedades do discurso em que o enunciado é encontrado e da situação pragmática que envolve os interlocutores, por exemplo (CROFT, 2001, p. 19). Em outras palavras, trata-se de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Em síntese, o esquema apresentado por Croft (2001) ilustra a constituição dos polos da forma e do sentido, que são interligados por um *link* de correspondência simbólica. Ainda de acordo com o autor, na descrição e no estudo de uma construção, é preciso, pois, levar em conta todas essas propriedades.

Por fim, cabe salientar alguns pontos fundamentais do modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), que recebe foco maior em nosso trabalho, justamente pela relevância dessa obra para as pesquisas recentes no âmbito da LFCU.

O modelo proposto pelos autores se ocupa especificamente da mudança linguística que, nessa perspectiva, se dá sob dois diferentes processos: a *construcionalização* e a *mudança construcional*. A *construcionalização* consiste na criação de um novo par forma-significado, ao passo que a *mudança construcional* afeta apenas uma dimensão da construção (a forma ou o significado), não havendo, ainda, a criação de um novo nó na rede de construções.

Outrossim, destacamos ainda outras duas contribuições importantes de Traugott e Trousdale (2013), que os alinham aos modelos construcionistas em geral. A primeira é a defesa de que o léxico e a gramática devem ser vistos como um contínuo, sem distinção

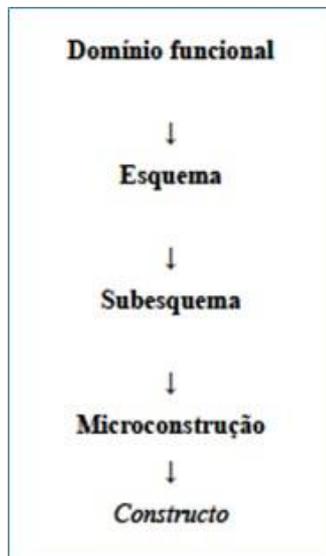
rígida entre ambos. Outra contribuição é a ideia de que os diversos níveis de análise, da fonologia à pragmática e ao discurso, devem ser estudados de maneira integrada, conjunta.

Esses mesmos autores (2013) veem a construção como inserida em uma rede hierárquica, e não como algo que existe de forma isolada. De acordo com eles, as construções podem ser distribuídas nos seguintes níveis: *esquema*, *subesquema* e *microconstrução*, chegando ao *constructo*, que é o dado empiricamente comprovado no uso.

Teixeira e Rosário (2016, p. 146) propõem uma ampliação da rede construcional, acolhendo um nível ainda mais alto de abstração, denominado *domínio funcional*, que é importado das perquirições de Givón. Além disso, os mesmos autores advogam que, na pesquisa funcionalista, o nível da microconstrução deve ter maior relevância, já que a captação das instâncias mais abstratas da língua parte justamente do constructo (ou seja, do uso efetivo da língua) para a microconstrução (cf. TEIXEIRA; ROSÁRIO, 2016). Essas reflexões são muito caras para esta pesquisa, pois estamos situados, de fato, no domínio funcional da adição e nos deteremos de maneira mais consistente no nível microconstrucional da correlação aditiva.

A seguir, apresentamos uma esquematização dos níveis de hierarquia construcional:

Esquema 2 – Hierarquia construcional, segundo Teixeira e Rosário (2016, p. 146)



Ainda segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções possuem três propriedades, a saber: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*. A esquematicidade está relacionada ao grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção. Assim, quanto mais esquemática é uma construção, maior é o seu grau de abstração. A produtividade está diretamente relacionada aos fatores de frequência (*type* e *token*). Além disso, conforme destacam Traugott e Trousdale (2013, p. 18), “a rotinização

e a automatização [...], resultantes do uso frequente e da repetição, são fatores-chave”<sup>7</sup>. Já a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre o elo da forma e do significado. A construcionalização acarreta diminuição da composicionalidade, já que quanto mais convencionalizada é uma construção, menos transparência há na correspondência entre o significado das partes e a forma. Entretanto, como salientam Traugott e Trousdale (2013, p. 121), isso não sugere que as subpartes de um esquema sejam totalmente não analisáveis.

Convém ressaltar ainda dois importantes mecanismos de mudança destacados por Traugott e Trousdale (2013): a *neoanálise* e a *analogização*. Com base em Bybee (2001, p. 190), os autores afirmam que esses mecanismos explicam “como” as mudanças acontecem, “são processos que ocorrem enquanto a linguagem está sendo usada, e esses são os processos que criam a linguagem”<sup>8</sup>.

Em relação à *neoanálise*, os autores destacam que se trata de um micropasso na mudança construcional (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36), à medida que uma construção já existente é gradualmente interpretada de forma diferente pelos usuários de uma língua. Esse conceito proposto pelos autores é baseado na proposta de Langacker (1977, p. 58): trata-se de uma “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve nenhuma modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação superficial” (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36). Os autores ressaltam ainda que essa não é uma mudança restrita ao plano morfossintático, uma vez que também é possível falar de neoanálise no plano fonológico ou semântico, por exemplo.

A *analogização*, por sua vez, é um mecanismo ou processo de mudança que provoca correspondências de significado e forma que não existiam antes, tomando como base construções já existentes. Esse processo difere da *analogia*, que está relacionada à nossa capacidade cognitiva de analogizar, que pode ou não resultar em mudanças (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 38).

Feita essa apresentação geral e sucinta do âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, com foco na abordagem construcional da gramática, podemos partir para um próximo tópico teórico, que apresenta um conceito-chave na descrição do fenômeno linguístico que nos propomos a analisar.

## 2.2 ALOCONSTRUÇÕES E VARIAÇÃO CONSTRUCIONAL

Hoffmann e Trousdale (2011, p. 10) reconhecem que o conhecimento linguístico dos falantes não pode ser resumido simplesmente a uma lista de construções. Ao contrário disso, é preciso ter em mente que todas as construções fazem parte de uma rede, na qual

<sup>7</sup> “[...] routinization, automatization [...] resulting from frequent use and repetition [are key factors]” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18).

<sup>8</sup> “Mechanisms of change are processes that occur while language is being used, and these are the processes that create language” (BYBEE, 2001, p. 190).

estão relacionadas formal e semanticamente por similaridades. Para os autores, construções semântica e pragmaticamente parecidas são ativadas concomitantemente no processamento *online*, são as chamadas “construções parcialmente sinônimas”. Vejamos:

Se a rede de construções é interpretada como um modelo de interação e ativação/conexionista cognitivo [...], então isso obviamente implica que as construções com significado semântico e pragmático similar serão ativadas simultaneamente durante o processamento online<sup>9</sup> (HOFFMANN; TROUSDALE, 2011, p. 10, tradução nossa).

Assim, segundo Hoffmann e Trousdale (2011, p. 10), no estudo de qualquer construção linguística, é necessário um olhar atento para as possibilidades de alternâncias, isto é, construções relacionadas por aproximações de ordem semântica ou pragmática, o que seria um fenômeno muito comum nas línguas humanas.

Hilpert (2014), seguindo as mesmas ponderações de Hoffmann e Trousdale (2011), considera que a variação construcional é parte integrante do conhecimento da língua pelos falantes: nós sabemos como uma construção pode variar, ou seja, quais variantes são possíveis e quais variantes não são. Neste estudo sobre as construções correlatas aditivas, por exemplo, acreditamos que esse conceito abarca os diferentes *types* identificados, uma vez que eles não são diferentes construções, mas variantes da mesma construção. Afinal, as microconstruções correlativas aditivas não são pareamentos distintos de forma e significado quando comparadas entre si. Mais especificamente, trata-se de uma variação no polo formal, visto que apenas há modificação no preenchimento do *slot*, sem modificação sensível no significado, como veremos mais detalhadamente na seção seguinte.

Outro conceito importante para nossa pesquisa, também relacionado a essa discussão sobre variação, porque explica a diversidade de pares correlativos aditivos, é a ideia de *aloconstruções*. Segundo Perek (2015), nosso conhecimento gramatical possibilita várias maneiras de codificar uma determinada categoria de eventos. Entretanto, no âmbito da Gramática de Construções, o autor afirma que é incipiente o reconhecimento da possibilidade de as unidades gramaticais apresentarem alternâncias.

Certamente, os falantes estão cientes de que pode haver maneiras diferentes de transmitir a mesma mensagem, e são capazes de usar esse conhecimento conscientemente. Mas uma Gramática de Construções que se concentra exclusivamente nas construções e desconsidera

---

<sup>9</sup> “If the construction network is interpreted as a cognitive connectionist / interaction activation model [...] then this obviously implies that constructions with similar semantic and pragmatic meanings will be activated simultaneously during online processing” (HOFFMANN; TROUSDALE, 2011, p. 10).

possíveis relações entre elas não consegue captar esse conhecimento<sup>10</sup> (PEREK, 2015, p. 149, tradução nossa).

Para Cappelle (2006, p. 3), quando desviamos nossa atenção dos casos regulares de alternâncias, podemos estar ignorando um componente importante do conhecimento linguístico dos usuários da língua. Assim, as afirmações de Perek (2015) confirmam as ideias de Hilpert (2014) e se associam à proposta de Capelle (2006), para quem essa possibilidade de alternâncias entre construções configuraria um quadro de real variação construcional, um fenômeno bastante natural nas línguas humanas.

Ainda com relação a esse ponto, usando a terminologia de Cappelle (2006), Perek (2015, p. 153) define as formas alternantes como *aloconstruções*, ou seja, “realizações estruturais variantes de uma construção que é parcialmente subespecificada”. Assim, por analogia aos termos *alofone* e *alomorfe*, que também correspondem a realizações alternativas de uma determinada unidade linguística, o autor sugere esse termo – aloconstrução - a fim de dar conta do plano sintático, referindo-se às construções que têm o mesmo significado “descritivo”, ou seja, que “podem ser usadas para descrever o mesmo conjunto de situações” (PEREK, 2015, p. 150).

Vejamos dois exemplos de nossos dados, com dois *types* distintos:

(5) O MalecCaez não caindo na pertença do Groduxá, lhavendeo, posto que contra vontade de sua mãe, (que dizem lhe profetizou o que depois veio a ser.) Em fim, feito Groduxá Senhor daquela Ilha, a mandou logo povoar, e formou Armadas com que começou a avocar a ela tôdas as náos, que iam pera Caez, fazendo grandes favores aos mercadores nos direitos, e nas compras, e vendas de suas fazendas, com o que se começou aquele porto a frequentar, e a faltarem na Ilha de Caeztôdas as cousas. Sôbre isto se moveram guerras antre aqueles dous Mouros. Mas como Groduxá estava já rico, e poderoso, não só se defendeo dele, mas ainda lhe foi tomar a Ilha de Caez, fazendo-se Senhor de todo o seu Estado. [...] (Século XVI, *Tycho Brabe*).

(6) [...] Mas que farei que nem paciencia há em my, o que já não tendes por martirio, nem as cousas adversas, e quero subir tam alto que certo, charíssimos Irmãos, muyta necessidade tenho de vosso socorro não tam somente pera a paciencia e humildade, mas pera a menor das virtudes que em vós haa; porque sabei, meus em Christo, que estou mais falto do que nenhum de vós julgará, e assi quando vejo minha destroição desejo-me e não me desejo, não tendo tanta occasião porque quero ir ao alto sem subir pollo primeiro degrao, mas não desagradecendo hograo em que estou, mas fallando com o preparo que tenho de muyto alcançar.(Século XVI, *Tycho Brabe*).

---

<sup>10</sup> “Surely, speakers are aware that there can be different ways to convey the same message, and are able to use this knowledge wittingly. But a construction grammar focusing exclusively on the constructions and disregarding possible relations between them fails to capture that knowledge” (PEREK, 2015, p. 149).

Ao analisarmos os dados (5) e (6), encabeçados, respectivamente, pelos pares correlativos microconstrucionais “não só... mas ainda” e “não tam somente... mas” (não tão somente... mas), não podemos afirmar que ambos são totalmente idênticos ou sinônimos. Na verdade, o que observamos é que esses pares correlativos podem ocupar o mesmo espaço funcional, expressando o mesmo conteúdo (cf. CAPPELLE, 2006) ou conteúdos muito similares. Portanto, podemos afirmar que essas microconstruções, nas instâncias de uso identificadas, são aloconstruções.

De acordo com essa visão, os diferentes *types* correlativos aditivos não possuem funções distintas, mas fazem parte de um repertório de microconstruções fortemente associadas umas às outras, compartilhando fortes características no plano do significado, especialmente em termos semânticos. Sendo assim, reiteramos que os diferentes *types* que encontramos não são construções distintas, mas aloconstruções (PEREK, 2015) ou variantes de uma mesma construção que se apresenta em um nível mais esquemático ou de maior abstração, para usar a terminologia de Hilpert (2014).

Uma última discussão, bastante relevante, é que, aparentemente, a adoção desse conceito vai de encontro com o princípio da não sinonímia da forma gramatical (GOLDBERG, 1995). Entretanto, esse dissenso é apenas aparente. Entendemos a não sinonímia, em primeiro lugar, como um princípio geral da linguagem, que expressa uma tendência, e não uma lei. Logo, esse princípio não deve ser visto como inexorável. Em segundo lugar, o próprio princípio goldbergiano prevê que é possível haver construções sinônimas com diferenças (mínimas que sejam) no plano pragmático. Logo, vale destacar, as aloconstruções correlatas aditivas não são exatamente *types* totalmente sinônimos, mas constituem uma família de microconstruções que convivem em um mesmo espaço funcional, cumprindo a tarefa de veicular a noção de adição em um *crescendum* argumentativo. Essas visões teóricas não são, portanto, contraditórias ou incompatíveis.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

Como já exposto nas *Considerações Iniciais*, neste artigo objetivamos comparar estudos recentes acerca das microconstruções correlatas aditivas, a fim de comprovar as mudanças construcionais envolvidas. Rosário (2012), em sua tese de doutorado, investigou esse fenômeno no âmbito do século XXI, utilizando discursos de deputados estaduais da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) como *corpus*. Gervasio (2016), objetivando dar continuidade a esses estudos, investigou o mesmo fenômeno nos séculos XIX e XX, em textos que mantivessem esse perfil expositivo-argumentativo (GERVASIO, 2016, p. 48). Assim também Souza (2020), ao investigar os três séculos imediatamente anteriores (XVIII, XVII e XVI) aos estudados por Gervasio (2016), deu seguimento à tentativa de construir um painel histórico da construção correlata aditiva na língua portuguesa.

No que diz respeito aos *corpora* utilizados nos trabalhos citados, ressaltamos que são compostos de textos de modalidade escrita em português europeu (PE) e português brasileiro (PB) dos séculos XVI ao XXI, obtidos nas seguintes plataformas digitais:

*Biblioteca Brasileira*<sup>11</sup>, *Tycho Brabe*<sup>12</sup>, *Corpus Diacrônico do Português*<sup>13</sup>, *Varport*<sup>14</sup>, *Corpus do Português*<sup>15</sup> e *Site da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro*<sup>16</sup>. Todos os *corpora* utilizados apresentam características bastante semelhantes na apresentação dos arquivos, sendo possível baixá-los e analisá-los em programa leitor de textos ou mesmo lê-los na própria plataforma digital.

Assim, apesar de reunirmos contribuições de três trabalhos distintos, é importante destacar que há um conjunto de pontos comuns a essas investigações, visto que todas estão abrigadas sob um mesmo projeto de pesquisa em uma ampla agenda de trabalho, como já indicado no início deste artigo. Também são pontos comuns os seguintes: o uso de *corpora* essencialmente argumentativos, procedimentos metodológicos semelhantes, suporte teórico idêntico e perspectiva quali-quantitativa. Apesar de contar com suas especificidades, é possível amalgamar essas descobertas e apresentar, neste texto, contribuições inéditas sobre o tema, especialmente a organização dos *types* identificados em uma mesma rede construcional.

No quadro 1, a seguir, sintetizamos todos os pares correlativos<sup>17</sup> encontrados do século XVI ao século XXI:

Quadro 1 - Pares correlativos aditivos dos séculos XVI ao XXI

	SÉCULO XVI	SÉCULO XVII	SÉCULO XVIII	SÉCULO XIX	SÉCULO XX	SÉCULO XXI
01	<i>Não só... mas...</i>	<i>Não só... mas...</i>	<i>Não só... mas...</i>	<i>Não só... mas...</i>	<i>Não só... mas...</i>	<i>Não só... mas...</i>
02	<i>Não só... mas ainda...</i>	<i>Não só... mas ainda...</i>	<i>Não só... mas ainda...</i>	-	-	-
03	<i>Não só... mas também...</i>	<i>Não só... mas também...</i>	<i>Não só... mas também...</i>	<i>Não só... mas também...</i>	<i>Não só... mas também...</i>	<i>Não só... mas também...</i>
04	<i>Não somente... mas ainda...</i>	<i>Não somente... mas ainda...</i>	-	-	-	-
05	<i>Não somente... mas...</i>	<i>Não somente... mas...</i>	<i>Não somente... mas...</i>	<i>Não somente... mas...</i>	<i>Não somente... mas...</i>	<i>Não somente... mas...</i>
06	<i>Não somente... mas também...</i>	<i>Não somente... mas também...</i>	<i>Não somente... mas também...</i>	-	<i>Não somente... mas também...</i>	<i>Não somente... mas também...</i>
07	<i>Não tão somente... mas...</i>	-	-	-	-	-
08	<i>Não tão somente... mas ainda...</i>	-	-	-	-	-

<sup>11</sup> Disponível em: <[www.digital.bbm.usp.br](http://www.digital.bbm.usp.br)> Acesso em: 20 jul. 2018.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.cdp.ibilce.unesp.br/corpus.php>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.varport.letras.ufjf.br/>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

<sup>16</sup> Disponível em: <[http://www3.alerj.rj.gov.br/lotus\\_notes/default.asp?id=57](http://www3.alerj.rj.gov.br/lotus_notes/default.asp?id=57)>. Acesso em: 05 abr. 2020.

<sup>17</sup> Tendo em vista a definição adotada neste trabalho, segundo a qual a correlação é uma construção composta por duas partes interdependentes, que são encabeçadas por correlatores (ROSÁRIO, 2018, p. 211), optamos por não considerar, para fins comparativos, os pares do século XXI que não apresentaram os dois correlatores expressos para iniciar a prótase ou a apódose. Por exemplo, não serão tratados aqui os pares como *não só... Δ*; *não apenas... Δ*; *Δ ... mas também* e outros. Para mais informações, consultar Rosário (2018).

09	<i>Não tão somente... mas também...</i>	-	-	-	-	-
10	-	<i>Não somente... senão...</i>	-	-	-	-
11	-	<i>Não só... mas até...</i>	<i>Não só... mas até...</i>	-	-	-
12	-	<i>Não só... também...</i>	-	-	<i>Não só... também...</i>	<i>Não só... também...</i>
13	-	<i>Não somente... também...</i>	-	-	-	<i>Não somente... também...</i>
14	-	-	<i>Não só... como também...</i>	<i>Não só... como também</i>	-	<i>Não só... como também...</i>
15	-	-	<i>Não somente... porém...</i>	-	-	-
16	-	-	<i>Não só... senão ainda...</i>	-	-	-
17	-	-	<i>Não somente... como...</i>	<i>Não somente... como...</i>	<i>Não somente... como...</i>	-
18	-	-	-	<i>Não só... como...</i>	<i>Não só... como...</i>	<i>Não só... como...</i>
19	-	-	-	<i>Não somente... senão que...</i>	<i>Não somente... senão que...</i>	-
20	-	-	-	<i>Não apenas... mas...</i>	<i>Não apenas... mas...</i>	<i>Não apenas... mas...</i>
21	-	-	-	<i>Não só... senão...</i>	-	-
22	-	-	-	-	<i>Não apenas... mas também...</i>	<i>Não apenas... mas também...</i>
23	-	-	-	-	<i>Não somente... como também...</i>	<i>Não somente... como também...</i>
24	-	-	-	-	-	<i>Não apenas... como também...</i>
25	-	-	-	-	-	<i>Não apenas... como...</i>
26	-	-	-	-	-	<i>Não só... e sim...</i>
27	-	-	-	-	-	<i>Não apenas... e sim...</i>
28	-	-	-	-	-	<i>Não... mas também...</i>
29	-	-	-	-	-	<i>Não só... mas sim...</i>
30	-	-	-	-	-	<i>Não simplesmente... mas...</i>
31	-	-	-	-	-	<i>Não somente... mas como...</i>
32	-	-	-	-	-	<i>Não apenas... também...</i>
33	-	-	-	-	-	<i>Não só... e também...</i>
34	-	-	-	-	-	<i>Não somente... e sim...</i>

De acordo com Vieira (2016, p. 155), dados da experiência atestam que nem sempre há diferença funcional entre certas microconstruções. A esse respeito, vejamos o que diz Hilpert (2014, p. 181):

O que a variação construcional mostra é que generalizações [...] não são tão simplistas quanto o mapeamento individual de uma única forma invariável para um significado único e invariável. Em vez disso, o polo formal e o polo de significado de uma construção devem ser vistos como contendo informações sobre várias variantes - variantes formais da construção e variantes de significado. [...] As construções são mapeamentos ‘muitos para muitos’, conectando um conjunto de formas relacionadas a um conjunto de significados relacionados (HILPERT, 2014, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Ao observarmos o quadro 1, podemos constatar a existência de diversas variantes formais da construção correlata aditiva. Todos os *types* detectados representam diferentes microconstruções com modificações em seu *slot*, o que desencadeou a ampliação do número de *types* ao longo do tempo. Alguns *types* ficaram restritos a apenas um ou a alguns séculos, ao passo que outros apareceram nos dados de todos ou de quase todos os séculos estudados. Devido à limitação do espaço disponível para a discussão dos dados, naturalmente não será possível fazer uma análise pormenorizada de todos os usos detectados nem exemplificá-los individualmente. Dessa forma, selecionamos apenas alguns aspectos da questão que julgamos mais pertinentes e passamos a apresentá-los.

No que diz respeito aos *types* presentes em praticamente todos os séculos analisados, a saber, *não só... mas; não só... mas também; não somente... mas e não somente... mas também*, podemos afirmar que sua frequência se deve ao fato de seguirem o modelo mais prototípico de preenchimento do *slot* da correlação aditiva. Como veremos na rede construcional da correlação aditiva mais à frente, a maior parte das microconstruções segue o seguinte modelo: encabeçando a prótase, há o elemento *não*, seguido de um elemento de focalização/restrrição e, encabeçando a apódose, há um elemento de oposição, seguido ou não por um elemento de reforço. Essa é uma espécie de moldura virtual ou esquema mais abstrato que, por sua vez, licencia todos esses usos mais ao nível do uso.

Quanto aos *types* que ficaram restritos a apenas alguns séculos, podemos hipotetizar que a principal causa desse fato é a sanção parcial desses correlatores, justamente por conta da baixa frequência de uso. Dessa forma, *não somente... e sim*, por exemplo, atestado somente no século XXI, apresenta o advérbio “*sim*” em sua constituição sintagmática, o que não é comum no esquema da correlação. Essa sanção parcial, de caráter

---

<sup>18</sup> What constructional variation shows is that generalisations [...] are not quite as simplistic as one-to-one mapping of a single, invariant form to a single, invariant meaning. Rather, both the formal pole and the meaning pole of a construction should be seen as containing information on several variants – formal variants of the construction as well as meaning variants. [...] constructions are many-to-many mappings, connecting a set of related forms to a set of related meanings (HILPERT, 2014, p. 181).

idiossincrático, revela o motivo de sua baixa frequência *type*. Afinal, em outras palavras, os usos que normalmente não são sancionados ou “esperados” são menos frequentes e associados a instâncias mais específicas de uso.

Ainda observando o quadro 1, podemos identificar o seguinte: no século XVI, verificamos a ocorrência de nove pares correlativos. Nos séculos XVII e XVIII, esse número subiu para dez *types*. No século XIX, esse número volta a ser de nove pares correlativos e, no século XX, sobe para onze. Por fim, no século XXI, quando comparado aos anteriores, há um aumento notável, já que há uma profusão de diferentes microconstruções nesse recorte temporal. Ao todo, vinte e dois *types* compõem o grupo de microconstruções encontradas nesta atual sincronia. Dentre esses, onze *types* são inéditos.

Sobre esse aumento no número de *types* no século XXI, salientamos que ele pode ter ocorrido por conta da escolha do *corpus*. Em sua tese de doutorado, Rosário (2012) selecionou 1275 discursos políticos dos deputados da ALERJ. Esse gênero textual foi escolhido porque os discursos dos deputados têm como característica o predomínio da formalidade e da argumentação. Nesse sentido, podemos considerar que a situação comunicativa favoreceu, de fato, o aumento do número de *types*.

Dessa forma, apesar de todos os *corpora* terem caráter argumentativo, a comparação aqui é feita com ressalvas, na medida em que o número de textos selecionados por Rosário (2012) é distinto das 380 porções de textos de extensões variadas (95 textos do século XIX e 95 textos do século XX de cada variedade da língua portuguesa) analisadas por Gervasio (2016) e a quantidade de páginas lidas na coleta de dados dos séculos XVI, XVII e XVIII (1.000 páginas de cada século) (cf. SOUZA, 2020). Além disso, por pesquisarem sincronias mais recentes, Rosário (2012) e Gervasio (2016) tiveram a oportunidade de previamente selecionar textos de forma mais uniformizada. Assim, como cada pesquisador adotou um número de textos/páginas e também tomou decisões distintas acerca dos *corpora*, esse trabalho comparativo é feito com cautela. Postulamos, portanto, apenas prováveis tendências de aumento do uso da correlação aditiva no século XXI. Por outro lado, o Quadro 1 permite uma conclusão incontestável: a construção correlata aditiva efetiva-se na língua portuguesa por meio de uma grande profusão de microconstruções formalmente distintas, mas aparentadas em termos semântico-funcionais, e essa é a constatação mais relevante diante dos objetivos deste trabalho.

Ainda em relação à comparação entre todos os recortes temporais em que a correlação já foi estudada, considerando outros fatores além das microconstruções apresentadas em cada século, salientamos que os resultados de Rosário (2012), Gervasio (2016) e Souza (2020) foram produtivos no que concerne ao aparecimento de dados de correlação aditiva em sequências oracionais e não oracionais, o que demonstra que a visão da correlação apenas no nível oracional é reducionista e não condiz com o uso linguístico real desde, pelo menos, o século XVI.

Nos dados dos seis séculos estudados, também constatamos que há uma nítida interdependência entre a prótase e a apódose correlativas, sendo a informação apresentada na apódose sempre a que recebe maior relevo (ROSÁRIO, 2012, p. 210; GERVASIO, 2016, p. 89). Ademais, o surgimento de novos padrões microconstrucionais correlativos

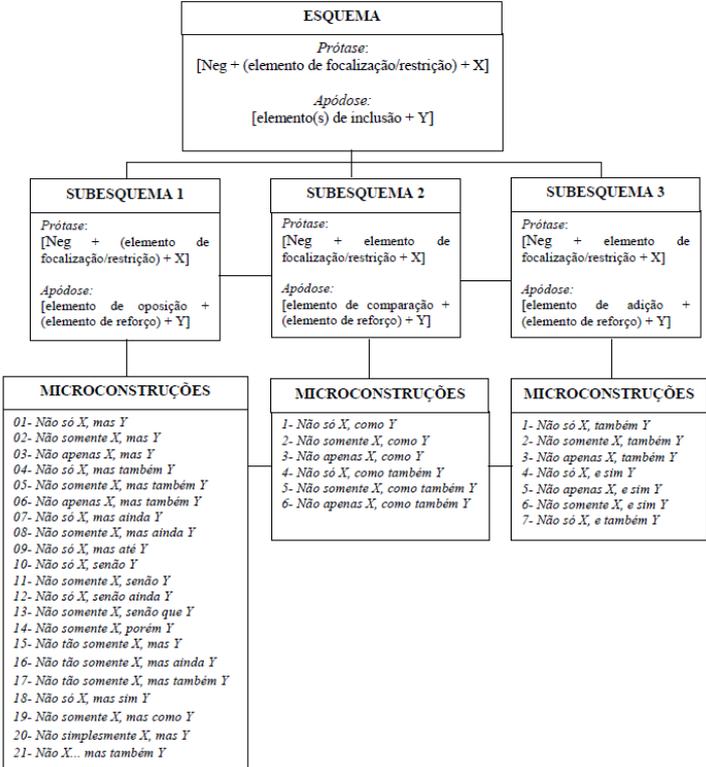
para a expressão da adição se deu, provavelmente, pelo mecanismo de analogização, o que sugere uma ampliação da rede dos padrões aditivos, dado o crescimento no número de *types* (ROSÁRIO, 2012, p. 206; GERVASIO 2016, p. 89).

Por fim, cabe ressaltar também que a construção correlata aditiva, em todos os períodos em que foi estudada, foi compreendida como uma construção dotada de especial força argumentativa, o que a difere da coordenação aditiva, que tem como função principal apenas aproximar elementos, sem hierarquizá-los (ROSÁRIO, 2012, p. 220; GERVASIO 2016, p. 87).

Tendo em vista essas ponderações acerca das sincronias em que a construção correlata aditiva foi estudada, compreendemos que a diversidade e o aumento no número de *types* ao longo dos séculos revela um caso de mudança construcional pós-construcionalização no polo formal. Reiteramos que o significado da construção permanece, ao longo dos séculos, qual seja, a adição com teor argumentativo. Por outro lado, a diversidade de microconstruções detectadas revela um caso de variação construcional, já que todos os pares correlativos identificados podem ser usados para descrever um mesmo conjunto de situações, ou seja, são aloconstruções (PEREK, 2015, p. 150), sem alteração sensível no sentido.

A fim de representar esses usos, esquematizamos a seguir a rede construcional da correlação aditiva, considerando os recortes temporais dos séculos XVI ao XXI:

Esquema 3 - Rede construcional da correlação aditiva



Na rede construcional representada no Esquema 3, procuramos demonstrar os níveis da construção correlata aditiva em língua portuguesa. No nível mais esquemático, de forma mais geral, a construção correlata aditiva é caracterizada pela interdependência entre as duas partes que a compõem (prótase e apódose), e cada uma dessas duas partes possui uma organização específica. Na prótase, há sempre um elemento de negação, representado por *Neg*, que, em nossos dados, apareceu como o elemento “não”, o qual geralmente é seguido por aquilo que denominamos “elemento de focalização/restrrição”, que pode ser *só*, *somente*, *apenas* ou *simplesmente*, seguido do *slot* aberto da construção, que pode ser preenchido por um sintagma nominal, uma oração ou várias orações combinadas. Na apódose, há “elemento(s) de inclusão”, isto é, um ou mais elementos que adquirem a semântica prototípica de inclusão da informação mais importante, seguido do *slot* aberto da construção nesse segundo segmento, que pode ser preenchido por um sintagma nominal, uma oração ou ainda por várias orações combinadas, assim como na prótase.

A partir desse esquema, identificamos três subesquemas. No primeiro, verificamos que, na apódose, o elemento que inicia esse segundo segmento da construção possui, originalmente, uma semântica de oposição (*mas; porém; senão*). No entanto, dado o contexto em que se insere, ele é neoanalisado para assumir uma função majoritariamente aditiva. Algo parecido ocorre com o segundo subesquema identificado. No segundo padrão, o elemento que inicia a apódose possui, originalmente, uma semântica comparativa (*como*), que também sofre neoanálise. Já o terceiro subesquema verificado apresenta elementos de teor tipicamente aditivo, como *e* e *também* para iniciar a apódose correlativa. Esses elementos foram seguidos, em alguns casos, pelo advérbio *sim*, que atuou como um elemento de reforço da semântica de adição.

Com relação ao terceiro nível construcional, o das microconstruções, identificamos vinte e um padrões relacionados ao primeiro subesquema, seis padrões relacionados ao segundo e sete padrões relacionados ao terceiro. Com relação às microconstruções relativas ao primeiro subesquema, destacamos a ocorrência de um único caso em que não houve o aparecimento do elemento de restrição/focalização na prótase: *não X, mas também Y*. Vejamos um dado ensejado por esse par correlativo, seguido de um comentário feito por Rosário (2012), para entendermos a organização desse padrão microconstrucional:

(7) Os problemas **não** se limitam aos alunos da rede estadual, **mas também** alcançam alguns municípios e algumas unidades federais. – 03/09/2009

O exemplo [...] expressa um padrão correlativo aditivo oracional. A presença do elemento verbal *limitam* remete o leitor/ouvinte à ideia de restrição, limitação ou foco. Dessa forma, é justamente a presença desse verbo que permite a leitura correlativa aditiva para esse excerto. Em outras palavras, o verbo *limitar* substitui, de certa forma, a necessidade da existência da partícula focalizadora para a expressão da correlação aditiva, normalmente perfilada por *só*, *somente* ou *apenas* (ROSÁRIO, 2012, p. 178, grifos do autor).

Como o dado selecionado pelo autor demonstra, a semântica de restrição permanece na prótase, apesar da ausência dos focalizadores prototípicos (*só, somente e apenas*). Ainda sobre as microconstruções desse primeiro subesquema, destacamos também o aparecimento de *simplesmente*, na prótase. À primeira vista, esse elemento parece não estar relacionado ao primeiro subesquema proposto, no entanto, ao observarmos os dados em que ele figura (ROSÁRIO, 2012, p. 180), notamos que esse elemento linguístico está associado ao mesmo campo semântico-categorial de *somente, só e apenas*. Para ilustrar esse uso, vejamos um dado:

É claro que ninguém, em sã consciência, pode apoiar qualquer violência contra a mulher. Aliás, quero me apresentar aqui, **não simplesmente** como um defensor no discurso, **mas** como quem pratica a verdadeira proteção à mulher. – 12/02/2009 (ROSÁRIO, 2012, p. 180, grifos do autor).

Como podemos verificar no dado acima, *não simplesmente* está muito próximo semanticamente de *não somente*, por exemplo. Para Rosário (2012, p. 180), “a diferença entre ambos é que *não simplesmente* acentua o caráter menos importante da informação da prótase”. Nesse sentido, há um realce da informação da apódose, que é consequência dessa *desfocalização* promovida pelo “*não simplesmente*”, na prótase. Defendemos também que, no eixo paradigmático, esse uso de *simplesmente* ocorre por força da analogização, visto que o *slot* recruta e instancia elementos de semântica similar. Por sua vez, ocorre neanálise no eixo sintagmático, visto que esse elemento *simplesmente* passa a integrar um arranjo morfossintático provavelmente inédito na língua, ou seja, na constituição de um conector aditivo.

Com relação às microconstruções relacionadas nos outros dois subesquemas, salientamos que todos os itens estavam previstos, seguindo a semântica apresentada por outros elementos. Contudo, o elemento *sim*, que apareceu em três microconstruções, chamou nossa atenção, na medida em que acentuou a polarização com o *não* presente na prótase. Além disso, o fato de *sim* estar acompanhando *e*, prototípico conector de adição, acentua ainda mais o teor aditivo da construção correlata.

Como procuramos demonstrar, as diversas microconstruções correlatas aditivas observadas em nosso trabalho e em pesquisas anteriores revelam um caso de mudança construcional pós-construcionalização baseada em aloconstruções, uma vez que não identificamos diferenças funcionais sensíveis entre as instanciações dos *types*, mas apenas diferenças formais de modificação do *slot*.

É válido ressaltar ainda que, em nossos estudos sobre a correlação aditiva, considerando todo o recorte temporal estudado e seguindo o modelo proposto por Croft (2001), procuramos verificar tanto os aspectos morfossintáticos quanto as características semânticas, pragmáticas e discursivas da construção, os quais sintetizamos no quadro a seguir:

Quadro 2- Propriedades da construção correlata aditiva

POLOS	PROPRIEDADES	TRAÇOS
FORMA	Morfossintática	<p>Possibilidade de mobilidade posicional dos correlatores.</p> <p>Tendência ao compartilhamento do sujeito entre prótase e apódose.</p> <p>Interdependência.</p> <p><i>Prótase:</i> [neg + (elemento de focalização/restrrição) + X]  <i>Apódose:</i> [elemento(s) de inclusão + Y]</p> <p>Preenchimento dos <i>slots</i> (X e Y) por sintagmas nominais, por orações ou ainda por várias orações combinadas.</p> <p>Tendência de uso dos seguintes tempos verbais: presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo.</p>
	Fonológica	Tendência de ocorrência de maior massa fônica na apódose.
SIGNIFICADO	Semântica	Adição com teor predominantemente argumentativo.
	Pragmática	Realce/vigor à informação apresentada na apódose.
	Discursivo-funcional	Alta frequência em sequências descritivas e argumentativas, com tendência de aumento ao longo do tempo nos dados de teor argumentativo.

Para Croft (2001), a construção é compreendida como uma *unidade simbólica convencional*, isto é, um pareamento de forma e significado. No Quadro 2, procuramos demonstrar as propriedades de cada polo da correlação aditiva. Cabe ressaltar que, em virtude da sobreposição dos critérios sintático e morfológico, optamos por não separar essas propriedades, propondo uma adaptação que nos remete à propriedade “morfossintática”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho, destacamos que os objetivos eram os seguintes: observar as tendências de uso da correlação aditiva nos séculos rastreados, propor uma interpretação para a variação construcional atestada ao longo do tempo e, de uma forma mais ampla, contribuir para o desenvolvimento das pesquisas funcionalistas centradas no uso, com foco na correlação aditiva.

A comparação entre as sincronias analisadas, de fato, demonstrou um quadro de mudanças construcionais pós-construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), uma vez que o aumento e a diversidade de pares microconstrucionais correlativos ao longo do tempo configura uma mudança no polo formal da construção, após a sua formação na língua portuguesa. Nesse sentido, postulamos que os diferentes *types* identificados são, na verdade, aloconstruções (cf. CAPPELLE, 2006; PEREK, 2015), isto é, variantes que estão disponíveis aos usuários da língua para expressão do recurso sintático da correlação aditiva.

As aloconstruções estão dispostas em um espaço de variação funcional que permite a convivência de diferentes *types* microconstrucionais. Esses *types*, por sua vez, são distintos em termos formais (haja vista sua configuração morfossintática), mas semelhantes em termos funcionais, tendo em vista que veiculam significados semelhantes ao cumprir a tarefa de adicionar elementos em forma de *crescendum* argumentativo.

Ao longo dos séculos, esses pares correlativos vão sendo formados por mecanismos cognitivos, como neanálise (no plano sintagmático) e analogização (no plano paradigmático). Com isso, o grande domínio funcional da adição vai se enriquecendo ao recrutar novos elementos para a veiculação de sua semântica mais básica de adicionar ou somar elementos em diferentes níveis da gramática.

De fato, os resultados gerais dos trabalhos de Rosário (2012), Gervasio (2016) e Souza (2020) revelam a ocorrência de um relevante crescimento na frequência *type* de padrões microconstrucionais correlativos aditivos ao longo do tempo. Essa ampliação da rede construcional permite um variado inventário de recursos para expressão da adição enfática por meio da correlação.

A análise da correlação aditiva demonstra a pujança de uma verdadeira agenda de pesquisa que ainda se apresenta. De fato, ainda há muitos aspectos a serem devidamente explorados nesse amplo universo da correlação. Acreditamos que as conclusões aqui expostas endossem esse ponto de vista e instiguem novas investigações sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

- BYBEE, Joan. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, Joan. *Language Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions*, Special Volume 1, 1–28, 2006.
- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, William. Radical construction grammar. In: HOFFMANN, T; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford handbook of construction grammar*. New York: OUP, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad - Faperj, 2013, p.13-39.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MATERLOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*, 1 ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-47.
- GERVASIO, Tharlles Lopes. *A construção correlata aditiva nos séculos XIX e XX: uma proposta de análise centrada no uso*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2016.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. Variation, change and constructions in English. *Cognitive Linguistics*, v. 22 (1), p. 1-23, 2011.

LANGACKER, Ronald W. Syntactic reanalysis. In LI, Charles (Ed.). *Mechanisms of Syntactic Change*, Austin, TX: University of Texas Press, ed. 57–139, 1977.

PEREK, Florent. *Argument structure in usage-based construction grammar: Experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2012.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Construções correlatas aditivas na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. In: *Anais do IV Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e XVII Seminário Nacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática: Teoria da gramaticalização e Gramática de construções*. Natal - RN: Editora da UFRN, 2013. p. 26-41. Disponível em <https://degnatal.files.wordpress.com/2015/04/teoria-da-gramaticalizac3a7c3a3o-e-gramc3a1tica-de-construc3a7c3b5es.pdf>.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em [http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60\\_-2-0233.pdf](http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60_-2-0233.pdf).

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Construções correlatas aditivas são estruturas de coordenação? In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (Orgs.) *Varição e mudança em perspectiva construcional*. Natal, EDUFRN, 2018, p. 210-250.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Construções aditivas na perspectiva da LFCU: entre coordenação, hipotaxe e correlação. In: DIAS, Nilza Barrozo; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.) *Estudos sobre o Português em Uso*. Uberlândia – MG, Pangeia, 2020, p. 63-70.

SOUZA, Brenda da Silva. *A correlação aditiva nos séculos XVI, XVII e XVIII sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2020.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado; ROSÁRIO, Ivo da Costa. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. In: *Revista Linguística*, v. especial, p. 139-151, 2016. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5444/4036>.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, Graeme. *Constructions in grammaticalization and lexicalization*: evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: Trousdale and Gisborne, eds., *Constructional Approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p. 33-67.

VIEIRA, Marcia dos Santos Machado. *Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais*. *Revista Linguística*. Volume Especial, p. 152-170, dez. de 2016.

**Recebido em:** 20/12/2020

**Aprovado em:** 05/02/2021

**Publicado em:** 25/07/2021